

Copom ainda projeta inflação maior que meta

De Brasília

A inflação projetada para este ano ainda é superior à meta ajustada de 8,5%, mesmo considerando a manutenção da taxa básica de juros em 26,5% ao ano e a taxa de câmbio no patamar próximo ao que prevalecia na véspera da última reunião do Copom (R\$ 3,06). A redução das pressões decorrentes dos reajustes de preços administrados e monitorados por contratos, porém, permite o Banco Cen-

tral continuar com a mesma meta, evitando ter que aumentá-la para 9,5% como foi cogitado.

O processo de queda da inflação tem sido lento e indica a existência de "um maior grau de inércia na formação de preços na economia, ainda que esse fenômeno possa vir a se mostrar temporário", salienta a ata do Copom, divulgada pelo Banco Central. O grau de inércia, explica a ata, decorre diretamente da sistemática de reajustes de preços e de salários. "Nesse sentido, ainda existe o

risco de que futuros reajustes de preços e salários se baseiem mais na inflação acumulada do que na inflação futura", diz o texto.

O recuo nos aumentos de preços em abril "deverá ser atenuado pelos novos reajustes de preços administrados por contrato e monitorados", ressalta a ata, citando as tarifas de energia elétrica residencial, com altas previstas em Belo Horizonte, Fortaleza, Salvador, Recife e Porto Alegre. O que mostra que as pressões inflacionárias ainda não estão superadas.

As projeções para os reajustes de preços da gasolina e do gás de botijão neste ano caíram de 12,4% para 8,4% e de 4,2% para 1,6%, respectivamente, conforme comparação entre a última e a penúltima ata. As projeções já consideram os reajustes de preços dos primeiros meses do ano e a redução de preços da gasolina neste mês. Há um recuo também nas projeções de reajustes de tarifas de energia elétrica residencial, que tiveram diminuição de 3 pontos percentuais. O reajuste agora estimado para o ano é de 24,5%.

A projeção de aumento de preços para todos os itens compreendidos no bloco de preços administrados, é agora de 15,3% em 2003, abaixo, assim, dos 16,8% estimados na ata de março.

Do lado das contas externas, as condições de financiamento externo melhoraram. As taxas de rolagem de "notes" e de "commercial papers" atingiram 82% em março em comparação com 65% no mesmo período de 2002. Em abril, as novas emissões apresentaram "discreto alongamento", conforme diz a ata.